

APRENDER A ESCREVER É APRENDER A PENSAR

Simone Xavier de Lima (UFRJ / UNIABEU)

simonelima@educacional.com.br

"Penso, logo existo".

(Descartes)

Três palavras, uma sentença. A primeira leva à conclusão proposta pelas seguintes. Simples assim. Pelo menos à primeira vista. Pensar é a prova mais primária da existência humana, de acordo com o mestre Descartes. É a marca que agrega os homens num estágio de evolução que os sobrepõem aos demais seres. Em sua busca pela verdade, Descartes percebe-se vivo porque pensante; e ao perceber-se um ser que pensa, elege nossa epígrafe o primeiro princípio de sua filosofia.

Quem pensa, portanto, existe. E a elaboração desse pensar pode dar ao homem a capacidade de elevar-se frente aos seus iguais. Há muitas histórias em nossa História que comprovam isso. Quantos líderes nós já tivemos, quantos políticos por nós já passaram que sabiam muito bem dar voz a seus pensamentos utilizando-os como arma de conquista e dominação? Quantos povos já foram escravizados, quantas dores já foram sentidas, quantos romances perdidos pelo simples fato de palavras traduzirem pensamentos e ideias de uma maneira tão clara e forte que não houve como resistir?

Ao dizer “penso, logo existo”, não é preciso provar nada; há apenas uma constatação: o auto-reconhecimento de que sou um ser que existe e existe exatamente porque consegue pensar. É comum, entretanto, que a palavra “pensamento” seja usada de maneiras bem diversas. Poderia perguntar agora a você, leitor, o que habita seus pensamentos enquanto avança estas linhas. Talvez seja exatamente o assunto lido, mas tam-

O ENSINO DE LÍNGUAS

bém é possível que seu pensamento esteja em assuntos distintos dos aqui discutidos.

Etimologicamente, de pensar vamos a *pendere*, verbo latino que significa estar suspenso, pendente. Pensar, então, relaciona-se com suspensão de um julgamento até que se forme uma opinião a respeito do assunto, o que exige uma elaboração, trabalho, não acontecendo de uma hora para outra.

Para o jornalista Paulo Francis, "quem não lê, não pensa, e quem não pensa será para sempre um servo". Abre-se, pois, o leque. Para existir tenho de pensar; se não leio, não penso. Logo, quem não lê não existe. Conclusão falaciosa ou bom exemplo indutivo? Tire o leitor suas próprias conclusões.

Não por acaso, outro mestre, Othon M. Garcia, em sua obra-prima *Comunicação em prosa moderna*, ao falar da eficácia nas produções textuais apresenta-nos o subtítulo "Aprender a escrever é aprender a pensar", tornando indissociáveis essas duas ações. Uma vez que "as palavras são o revestimento das ideias e que, sem elas, é praticamente impossível pensar" (Garcia, 2003, p. 173), fica clara tal indissociabilidade³. Já desde o início do livro, em sua *Explicação necessária* (*Idem*, p.6-9), Othon diz que seu livro é uma maneira de pagar uma dívida aos jovens alunos a quem, ao longo de sua vida, procurara ensinar

³ Não é o que pensa Langacker, em seu *A linguagem e sua estrutura* (1972). No capítulo 2, intitulado *Visão inicial da linguagem*, há um subtítulo "Linguagem e pensamento", onde o autor afirma não compreender "por que certas pessoas sustentariam ser impossível o pensamento sem a linguagem" (p. 45), após apresentar alguns exemplos referentes à presença do pensamento sem a motivação da linguagem. Para ele, alguns tipos de pensamento são completamente independentes da linguagem, como, por exemplo, o fato de podermos ouvir uma música instrumental e viajarmos nos pensamentos a ela relacionados – tudo sem ouvir, dizer ou escrever uma palavra sequer. Mais à frente, no entanto, admite "ser mais fácil pensar sobre coisas para as quais temos palavras." (p. 48)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(...) não apenas a escrever, mas principalmente a pensar – a pensar com eficácia e objetividade, e a escrever sem a obsessão do purismo gramatical, mas com a clareza, a objetividade e a coerência indispensáveis a fazer da linguagem, oral ou escrita, um veículo de comunicação e não de escamoteação das ideias. (*Idem*, p. 6)

A presente comunicação tem por objetivos analisar as relações entre linguagem escrita e pensamento, tomando como base de discussão algumas ideias e orientações apresentadas por Garcia, observando-as a partir das experiências vivenciadas dia-a-dia dentro de sala de aula, nos momentos de produção textual.

Marilena Chauí, nos convidando a filosofar, fala a respeito do pensamento nos seguintes termos:

Quando pensamos, pomos em movimento o que nos vem da percepção, da imaginação, da memória; aprendemos o sentido das palavras; encadeamos e articulamos significações, algumas vindas de nossa experiência sensível, outras de nosso raciocínio, outras formadas pelas relações entre imagens, palavras, lembranças e ideias anteriores. O pensamento apreende, compara, separa, analisa, reúne, ordena, sintetiza, conclui, reflete, decifra, interpreta, interroga. (Chauí, 1999, p. 154)

Por isso aprender a escrever é aprender a pensar. Em um texto precisamos pôr em atividade as ações citadas por Chauí. Aprender a escrever, segundo Garcia, é, antes de qualquer coisa, aprender a criar e organizar logicamente as ideias que se pretende colocar no papel, o que só é possível quando se aprendeu, a priori, a pensar. Sem uma prévia elaboração mental sobre o texto e as relações que este pode apresentar, não é possível que se estruture um texto com eficácia. Como posso escrever sobre um tema sem antes pensar sobre ele: o que sei a respeito, que relações posso fazer entre o tema e outros que já conheço, o que já se escreveu sobre ele, sua importância e valor? A lição do Professor Júlio Nogueira, que Garcia transcreve em seu livro (p. 350-352), é bastante clara: “Falamos ou escrevemos quando temos alguma coisa a dizer. A ideia surge no

O ENSINO DE LÍNGUAS

cérebro e exterioriza-se pela palavra” (p. 352). Antes, portanto, de aprender técnicas de produção de textos, é preciso organizar os pensamentos, buscando colocá-los no papel de forma clara e precisa.

AULAS DE REDAÇÃO ENSINAM A ESCREVER. E A PENSAR?

Nas carteiras da escola me disseram muitas coisas.

Mas não me disseram coisas essenciais à condição do homem.

O homem não fazia parte do programa. (Paulo Mendes Campos)

Se temos visto até aqui a importante relação existente entre pensar e escrever, uma pergunta precisa ser feita: como têm sido nossas aulas de redação? Há espaço para o pensamento, o desenvolvimento da criatividade, o homem faz parte do programa ou aproveitamos (perdemos?) o tempo com técnicas e regras para bem escrever? Pensar é essencial “à condição humana”. Nossas aulas ensinam a pensar?

É notória e frequente a queixa de muitos professores nas aulas de redação. *Meus alunos não sabem escrever; o vocabulário deles é péssimo; estão cada vez escrevendo menos* são apenas um pequeno recorte de uma realidade bem mais ampla e que representa a fala de um grande número de docentes que chegam a se sentir, por vezes, perdidos, com uma sensação de incapacidade, diante da tarefa de levar seu aluno a escrever. Ao se propor uma atividade de redação para alunos, sejam eles do ensino fundamental, médio ou mesmo da educação superior, fica-nos notório o estudante que não sabe ou não tem o que dizer; seu texto é fraco, ainda que gramaticalmente perfeito.

No exato momento em que escrevo estas palavras invade minha mente a figura da Professora Therezinha Bittencourt, seguidora apaixonada de Eugenio Coseriu. E vem dele, através das palavras da mestra, uma importante lição, alguns conceitos

por ele discutidos a respeito dos saberes envolvidos no ato da escrita.

Coseriu nos ensina que a linguagem, embora sendo uma atividade humana universal, manifesta-se individualmente, na fala de cada sujeito, sendo influenciada historicamente. Assim, apresenta características diferentes, de acordo com a dimensão que assume: no plano universal, é a *linguagem*; no histórico, é a *língua*; no individual, a *fala*. Para cada plano apresentado, corresponde um saber específico, como segue: ao plano universal corresponde o saber *elocucional*, que diz respeito à realidade que nos rodeia, ao conhecimento das coisas; ao histórico corresponde o saber *idiomático*, relacionado às regras que compõem a língua; e ao individual corresponde o saber *expressivo*, que se liga diretamente a conhecimentos específicos envolvidos numa situação de fala.

Assim, escrever um texto envolve mais trabalho do que supõe a nossa vã filosofia... Para escrever um bom texto, não basta que eu tenha muitas informações sobre a realidade à minha volta, apenas; também não me basta estar antenado, compreendendo bem tudo o que meu interlocutor diz; nem tampouco dominar as regras como a gramática prescreve.

Conhecer as regras gramaticais, aliás, como nos ensina Othon Garcia, não garante boas produções textuais; importante mesmo é saber expor as ideias de maneira clara, direta, saber também pensar concretamente, revestindo as ideias com palavras bem colocadas, na tentativa de expressar exatamente o que se pensou. Um texto claro contribui para a comunicação, já que consegue expressar o pensamento de quem o produziu.

É preciso, portanto, atentar para as manifestações dos três planos supracitados, a fim de conseguirmos identificar de que ordem são as deficiências apresentadas nos textos que nossos alunos produzem. Trabalhar atividades que envolvam e ampliem os três planos é nossa tarefa como professores da lín-

O ENSINO DE LÍNGUAS

gua pátria. Assim nossas aulas de redação também serão aulas de estímulo ao pensamento e à livre criação. Dessa compreensão surgirão textos claros, que realmente expressem o pensamento do escrevente.

A comunicação linguística é internamente clara, quando nela aparece limpidamente o pensamento. A linguagem pode então ser comparada a um copo cristalino através do qual se vê nitidamente o líquido que o enche. Torna-se um vidro de perfeita transparência, e, sem sentir-lhe a interposição, recebemos as ideias de outrem. (Câmara Jr., 1986, p. 149)

O ideal de um texto é aquele em que a linguagem-copo permitirá a visualização do pensamento-líquido com o qual se torna plena, límpida e cristalina. E estará pronta a ser lida-bebida por leitores sedentos de boas ideias. Nesse sentido, torna-se de extrema importância, além da organização do pensamento, cultivar um bom vocabulário.

CRIANDO IDEIAS

O terrível instante

Antes de escrever, eu olho, assustado, para a página branca de susto.

(Mário Quintana)

Uma queixa bastante comum entre os estudantes é a síndrome do "não-sei-o-que-escrever" diante de uma folha em branco ou do piscar intermitente do cursor na tela do computador. Essa experiência é relatada de maneira poética e ao mesmo tempo irônica no texto de Mário Quintana. Como escritor, também se assusta com a página em branco também assustada diante dele.

Diante de uma página em branco, o tempo demora a passar, mais do que comumente e, a despeito disso, as palavras não aparecem, como no poema de Arnaldo Antunes

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A palavra não vem
pensa
pensa
pensa
pensa
e a palavra não vem
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca
nunca

Othon se refere ao momento do estudante diante do papel em branco como sendo um “momento de transe a que estão sujeitos todos os que ainda não adquiriram o desembaraço natural advindo da prática diuturna de escrever” (p. 350).

A mesma ausência de palavras diante de uma proposta de redação foi assim traduzida em um fórum on-line proposto a alunos do primeiro período, dos cursos de Pedagogia e História (a escrita original foi mantida e os nomes omitidos):

A. O. S.: (...) Na verdade, o que mais me intimida na hora da redigir um texto para a avaliação é transformar uma ideia boa em um texto bom sem medo de errar, porque é ruim demais ter um texto que vc é criativo e na verdade é totalmente é inversamente proporcional rsrss. Acredito que o grande lance de ter uma ideia boa e transportar para o papel é se abituar a essas ferramentas que tornan isso possível e prático.

M. A. S.: Gosto muito de escrever, porém tenho dificuldade em algumas palavras, questões gramaticais me broqueiam na hora de passar para o papel.mais não me dezanimo preocuro ver a maneira certa das palavras para não errar.mais vou levando com muita vontade de aprender acada dia mais...

F. S. F. P.: Estar diante de um papel em branco torna a nossa mente obscura. Escrever é saber que eu posso errar e com o grande medo que isso aconteça travamos, como podemos ser vulneraveis a uma pequena folha inofensiva, infelizmente este é um terror que não existe mas criamos

O ENSINO DE LÍNGUAS

Na maioria das vezes, a síndrome supracitada se dá pelo simples fato de não haver mesmo o que escrever. Faltam palavras porque não há um corpus no vocabulário mental do escrevente. E não havendo o que buscar, nada virá à tona, pois assim como não se pensa, também não se cria *in vacuo*. É preciso organizar o percurso, deixando o imediatismo de lado e caminhando lentamente rumo ao texto que está por nascer. O citado Professor Nogueira nos auxilia no que Othon vai chamar de “artifícios para criar ideias”:

1. Não começar a escrever imediatamente, mas refletir antes de colocar qualquer ideia no papel.

2. Acionar os “coeficientes amigos”, assim denominados por Nogueira: “definição, distinção, considerações gerais, antecedentes, tempo, lugar, comentários, narrações a propósito do tema (...), conseqüências, discurso direto e outros (...)” (p. 351).

Ou seja, será exatamente pensando sobre o tema e tendo considerações a respeito dele que conseguiremos escrever. Aprender a escrever é aprender a pensar porque somente

(...) dispondo de palavras suficientes e adequadas à expressão do pensamento de maneira clara, fiel e precisa, estamos em melhores condições de assimilar conceitos, de refletir, de escolher, de julgar, do que outros cujo acervo léxico seja insuficiente ou medíocre para a tarefa vital de comunicação. (Garcia, *op.cit.*, p. 173)

Ideias claras prescindirão de palavras igualmente claras para serem expressas. E talvez aqui haja uma deficiência grande em relação aos textos de nossos alunos, como dissemos, independente da turma ou fase em que trabalhamos.

Aprender a escrever é aprender a pensar e transmitir o que se pensou pela escrita. A missão e tarefa do escrevente é traduzir em palavras seu pensamento, acabando com a distância existente entre o que se tem em mente e os olhos e ouvidos do leitor. E essa distância é vencida – ou a transparência do

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

copo é obtida – pela ação do pensamento. Aprender a pensar é, portanto, igualmente importante. Do contrário, a distância de que falamos não será minimizada, nem mesmo percorrida...

Mas como aprender a pensar, como recheiar o pensamento de novas ideias, mescladas às já existentes e, ainda, latentes?

Ao sugerir um conhecimento mínimo dos princípios norteadores da lógica, sendo esta compreendida como a arte de pensar, Othon nos apresenta algumas orientações para a construção eficaz de um texto claro e preciso.

Em primeiro lugar, as declarações que um texto apresenta precisam estar fundamentadas em fatos. Sem isso, elas não terão validade, sendo naturalmente refutadas.

Declarações, apreciações, julgamentos, pronunciamentos expressam opinião pessoal, indicam aprovação ou desaprovação. Mas sua validade deve ser demonstrada ou provada. Ora, só os fatos provam; sem eles, que constituem a essência dos argumentos convincentes, toda declaração é gratuita, porque infundada, e, por isso, facilmente contestável. (*Idem*, p. 302)

As declarações de um texto devem, portanto, apresentar fatos que se comprovem, e não indícios, que podem até "persuadir, mas não provam" (*Idem*, p. 304). Pelos indícios chegamos às inferências, mas pela insolidez dessas ações um texto nelas baseado tende a ser presunçoso, não verdadeiro, uma exposição que não convence nem tampouco informa com precisão, tornando-se falacioso. Popularmente, é um texto que "enche linguíça", faz rodeios, engambela, na tentativa de ocultar seus vazios.

A seguir, Othon escreve a respeito dos fatos e indícios, chamando nossa atenção para a diferença entre os termos. En-

O ENSINO DE LÍNGUAS

quanto por aqueles podemos chegar à certeza absoluta, por estes apenas conseguimos inferir⁴.

Além disso, os fatos de que falamos ou sobre os quais escrevemos precisam ser validados, e isso se dá através da observação, que ganha uma importância ainda mais especial, pois nos protege das generalizações, aproximando-nos da verdade. Na busca de tal verdade, escolhemos usar um ou outro método de raciocínio. Há dois, entre os apresentados por Othon, que vale a pena lembrar aqui.

O primeiro é o método indutivo, no qual partimos do efeito para a causa, da parte para o todo.

Pela indução, partimos da observação e análise dos fatos, concretos, específicos, para chegarmos à conclusão, i.e., à norma, regra, lei, princípio, quer dizer, à generalização. (...) É um raciocínio a posteriori. (*Idem*, p. 306)

Othon orienta aos leitores que, em se desejando fazer trabalhos, utilizem esse método de raciocínio, o qual lhes conduzirá a “primeiro saber o que *há*, o que *é*, o que se *fez*, o que se *faz*, o que se *diz*” (p. 308), ou seja, partindo da observação dos fatos, os dados serão colhidos e, então, discutidos e analisados, das partes para o todo.

O segundo é o dedutivo, que caminha no sentido inverso do anterior, ou seja, parte das generalizações para as aplicações particulares. Formalmente, o método dedutivo se expressa pelo *silogismo*, que seria uma forma de argumentação baseada num antecedente que relaciona dois termos a um outro.

A riqueza do texto de Othon tem o poder de não só aclarar nossas ideias a respeito do que se pensa e o que se diz ou escreve como também consegue nos estimular pensamentos

⁴ Segundo Garcia, inferir “é concluir, é deduzir pelo raciocínio apoiado apenas em indícios” (p. 303), está, pois, no campo da possibilidade, não da certeza. Uma inferência pode ser deduzida, mas não comprovada.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

novos, melhor estruturados, que sejam traduzidos com as palavras de forma clara e precisa.

Os pensamentos estão nos aguardando, muitos deles, nas tantas leituras que faremos em livros impressos ou virtuais, em pessoas que encontraremos, numa música que nos transmitirá algo, no sorriso ou lágrima de quem amamos demais, na consulta a enciclopédias, na busca aflita ao dicionário. Estão por aí, soltas ou presas, nos esperando para viver seu dia de libertação.

Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas. As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido. (...) (Galeano, 2002)

Pensar é sempre pensar por/com as palavras. E somente em contato com elas – que podem ter cheiro, voz, sabor – ampliarei os horizontes de meus pensamentos. E se aprender a escrever é aprender a pensar, se penso, logo escrevo melhor. Cação tanto acreditava nisso que chegou a dizer "estude, domine um assunto, e as palavras virão a seguir."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Arnaldo. *Tudos*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1993.

BITTENCOURT, Terezinha. Reflexões sobre produção textual. *Cadernos do CNLF*, 156 VOL. XI, N° 04: Outros trabalhos do XI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2007, p. 156-172. Disponível em <http://www.filologia.org.br/XICNLF/4/16.htm>

O ENSINO DE LÍNGUAS

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 23ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos linguísticos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1972.